

Biblioteca Anarquista



Luigi Galleani (1861–1931)

Max Nettlau

Max Nettlau
Luigi Galleani (1861–1931)
1932

Adquirido em 23/12/2025 de <https://anarchistischebibliothek.org/library/max-nettlau-luigi-galleani-1861-1931>

Die Internationale. Revista para o movimento operário revolucionário, crítica social e reconstrução socialista. Ano V, edição 1, janeiro de 1932 (publicada pela União Livre dos Trabalhadores Anarquistas da Alemanha, editora Der Syndikalist).

bibliotecaanarquista.org

1932

O ano de 1931 trouxe o amanhecer à Espanha, mas antes que os povos despertassem e esfregassem o sono dos olhos, forças fatídicas transformaram a bela primavera no início de um ano cruel de destruição, cujos horrores ainda perduram neste ano. O ano passado levou muitas forças jovens entre nós, na Espanha, Portugal, Itália, Cuba e América do Sul, e também uma série dos mais conhecidos mais velhos e anciãos. Morreu *François Dumarthey*, da mesma idade que Kropotkin (nascido em 1842), o primeiro divulgador recente do comunismo anarquista (1876) e companheiro mais próximo de Kropotkin no período de Genebra, de 1879 a 1881. Além disso, *o Dr. José Garcia Vinas* (nascido em 1848), um dos militantes mais íntimos da Internacional Espanhola e da Aliança, de 1870 a 1880, depois o velho *Brocher* (nascido em 1850), em Londres e Lausanne como companheiro mais próximo, também atuando como educador e livre-pensador por mais de cinquenta anos, *Émile Pouget*, a quem, ao lado de *Pelloutier*, o sindicalismo francês dos anos de 1895 a 1908 deve intelectualmente a maior parte de sua influência, *Teresa Claramunt*, outrora chamada de Louise Michel espanhola, e agora também faleceu, em 4 de novembro, Luigi Galleani, o mais encantador orador e propagandista literário italiano. Malatesta, que completou 78 anos em 4 de dezembro de 1931, o chama de “ainda relativamente jovem, ele tinha apenas 70 anos. Ele desejava, assim como eu, viver o suficiente para ver pelo menos o amanhecer de dias melhores. O destino quis outra coisa. O que fazer? É preciso ter esperança de que os jovens venham e substituam os velhos que se vão...” Esses jovens serão aqui contados por Galleani, como recentemente por Pouget.

Pois os abismos que a reação abre em nossa época para impedir o progresso também separaram Galleani da geração atual. Na Europa “libertada” pós-guerra, as pessoas estão novamente encaixotadas em Estados como na Idade Média, e para os anarquistas existem fortalezas ainda mais estreitas dentro dos Estados — para Kropotkin, a pequena cidade de Dmitrov; para Malatesta, Roma; para Galleani, desde 1919, principalmente a prisão, a ilha de deportação ou a remota aldeia nas montanhas, onde ele pôde morrer, o único direito humano ainda existente na Itália.

Luigi Galleani, nascido em 1861 em Vercelli, na região montanhosa do norte do Piemonte, era proveniente de uma família burguesa, cursou estudos clássicos e depois jurídicos em Gênova e Turim e, republicano desde cedo, foi um dos mais ousados e animados jovens radicais da universidade de Turim, tendo à sua frente uma brilhante carreira jurídica e

fascista impõe aos seus oponentes ainda tolerados no país. Na primavera de 1927, ele foi punido porque recebeu a *Adunata* em um envelope, primeiro com uma multa, depois com 10 dias, e então foi mantido na prisão, e sua condenação de 1894 foi reativada, seguida pela deportação para a ilha de Pantellerra, da qual ele havia escapado — e por isso, considerado incorrigível pela Comissão Provincial, ele teve que ser deportado para a ilha de Lipari. Lá, ele logo foi provocado a insultar Mussolini, denunciado e levado para a prisão na Sicília, onde foi condenado a 6 meses na prisão da ilha de deportação. Ele viveu lá até ficar gravemente doente, anos depois. Foi-lhe então proibido morar com sua irmã em Sori, perto do Mar Mediterrâneo, e teve que se mudar para Vercelli, no norte, até que finalmente lhe foi permitido morar na aldeia montanhosa de Caprigliola, na província de Carrara. Lá moram Pasquale e Zelmira Binazzi, velhos companheiros que, desde 1903, imprimiam em Spezia *Il Libertario*, um grande semanário e inúmeros panfletos, incluindo as obras de Gori, até que, no início da década de 1920, sua gráfica e todos os seus impressos foram queimados pelos fascistas; e os dois idosos foram deportados e internados várias vezes desde então. Lá, Galleani passou 18 meses até que, em 4 de novembro de 1931, morreu vítima de um derrame.

Sobre a *Cronaca Sovversiva*, Galleani escreveu, como cita [Luigi] Bertoni: “... ela tem muitos amigos sinceros e muitos inimigos implacáveis. Esse é o seu orgulho ...”

Isso também se aplica ao próprio Galleani. Assim, mais uma vez, um homem livre foi torturado até a morte por carrascos que ainda revestem seus atos com o manto de um sistema, o fascismo, algo com que os carrascos anteriores pelo menos poupavam suas vítimas. Mas o espírito de Luigi Galleani continua vivo em muitas pessoas livres, e sua memória é querida por nós.

discussão clara, alegre e eloquente do **comunismo anarquista** segundo a concepção de Kropotkin: uma concepção que eu pessoalmente considero demasiado otimista, que leva a questão com demasiada facilidade (facilonia), que confia demais nas **harmonias naturais**, mas que, por isso, não deixa de ser a maior contribuição até agora para a propagação do anarquismo...” Malatesta observa ainda que suas ideias coincidem com as de Galleani sobre a organização dos trabalhadores, mas não com as dos anarquistas. Mas isso é apenas uma questão de palavras, pois mesmo Galleani, que não quer saber nada sobre a organização deles, não se declararia contra a associação, a entente (entendimento), a união (unione), como de fato se formou em torno de sua *Cronaca* e talvez tenha dependido demais de um único impulso (o dele).

Além disso, Malatesta contrapõe à rejeição de visões de futuro e ao reconhecimento exclusivo da tarefa de destruição seu conhecido ponto de vista de que, com a destruição sumária do que é ruim e inútil, também seria destruído o que é valioso, para o qual não se encontraria um substituto imediato e fácil.

O talento e o temperamento de Galleani exerceram sua influência nessa direção e eram únicos ou raros em sua intensidade, uma força bela, harmoniosa e sempre alegre. O mundo inteiro viu a soma de força moral, inteligência clara, perseverança revolucionária e lealdade que Sacco e Vanzetti demonstraram durante sete anos nas condições mais terríveis e até o fim mais triste: eles tinham o que era preciso, sem dúvida, mas o que lhes faltava, em grande parte, deviam-no a Galleani, e não foram os únicos.

Quando foi expulso de volta para a Itália em 1919, a saúde de Galleani estava, infelizmente, debilitada pela diabetes. Ele queria fazer uma turnê de palestras pelo centro da Itália, mas só conseguiu dar algumas palestras na região de Gênova e Carrara, pois os médicos lhe prescreveram repouso. Em 1920, ele publicou 18 edições da *Cronaca Sovversiva* em Turim, a maioria das quais foi proibida até 20 de julho, se não me engano. Ele também escreveu na *Umanità Nova*. Por causa do artigo *Soldato, fratello* (Soldado, irmão), ele foi submetido a um grande processo, no qual advogados famosos, um colega de universidade e o filho de um deles falaram com orgulho e alegria em seu favor. Ele foi condenado a 14 meses no final de 1922 e, quando foi libertado, encontrou o fascismo no poder. Ele teve que ir para o hospital e depois viveu gravemente doente em Sori (Ligúria) com uma irmã, no isolamento absoluto que o regime

política. No entanto, aos vinte anos de idade, ele aderiu ao anarquismo e, de acordo com seu temperamento, não quis se adaptar externamente ao aparato estatal e legal, nem mesmo como defensor, como fizeram advogados anarquistas como Merlino, Gori, Luigi Molinari etc., cujas alegações sociais e libertárias constituíam uma parte valiosa de sua propaganda. Ele se tornou inicialmente um jornalista combativo em sua cidade natal, teve condenações, até mesmo duelos com oficiais da guarnição, depois viveu em Turim, onde trabalhou como colaborador do *jornal* anarquista “*Proximus tuus*” (Seu Próximo; de setembro de 1883 em diante) e editor do “*Gazzetta Operaia*” (Jornal dos Trabalhadores; junho de 1887 a março de 1888), como “*Nuova Gazzetta Operaia*” (Novo Jornal dos Trabalhadores; março de 1888 a setembro de 1889; no total, 92 edições), colaborador do “*Combattiamo!*” (Vamos lutar!) e do “*Nuovo Combattiamo!*” (desde novembro de 1887 até 1890) em Gênova.

A Internacional do norte da Itália, que desde 1871 se espalhou especialmente a partir de Milão e Turim, não conseguiu, na mesma medida que a da Toscana, da Romagna, Nápoles, etc., aproveitar o rico material humano dos combatentes nacionais da década de 1860, os garibaldinos, etc., e entrou em contato, nas cidades industriais, principalmente com as massas operárias, que estavam diretamente interessadas na melhoria de sua situação econômica. Por isso, os legalistas e reformistas ganharam aqui a supremacia, mas também os revolucionários econômicos, que só conheciam e queriam a luta operária e não confiavam nos políticos. Alguns deles tornaram-se receptivos à propaganda anarquista, outros pelo menos a toleravam, outros ainda se converteram à política. O *Partito Operaio* (Partido Operário) italiano, fundado em Milão em 1882, com organizações semelhantes em outras regiões, formou em 1890 o *Partido dos Trabalhadores Italianos*, no qual ainda coexistiam grupos de todos os tipos, associações de apoio, cooperativas, círculos operários republicanos, socialistas e anarquistas.

Galleani tornou-se assim um orador operário em primeiro lugar, ainda um pouco distante do anarquismo internacional da época, mas o agitador direto mais eloquente. Em seguida, alguma perseguição o levou ao exílio, talvez primeiro para Genebra, mas em 1889 para Paris, onde conhecia bem os companheiros italianos internacionais e alguns dos estudantes de vários países que na época aderiam às ideias; estes últimos, inspirados especialmente por Merlino, Malatesta, Kropotkin, Reclus e a *Révolte*, eram um pequeno círculo de jovens competentes que logo se dispersou devido

a perseguições, expulsões, etc. Entre os italianos presentes nas discussões que devem ter ocorrido pouco antes de 1º de maio de 1890, Galleani menciona Malatesta, Merlino, Paolo Schicchi, Augusto Norsa, Giuseppe Consorti, Galileo Palla, Cipriani e outros. Após o dia 1º de maio (prisão de Merlino), Galleani também teve que deixar a França e logo se mudou para Genebra, passando vários meses em Clarens, na casa de Élisée Reclus, que o empregou como assistente na preparação da grande obra de geografia (ver minha biografia: *Élisée Reclus, Anarquista e Erudito*, 1928, p. 250).

Foram meses felizes, em contato amigável com Reclus, relações estimulantes com jovens de vários países, outros refugiados e os antigos internacionalistas em Genebra; às vezes, alguns subiam montanhas solitárias para fazer experiências químicas práticas; Élisée Reclus não dizia nada, apenas sorria ao se despedir e dizia: tenham cuidado. Quando se mudou para Paris, no outono, Galleani foi para Genebra, onde se consolidou sua amizade com Jacques Gross, que, junto com Reclus, foi certamente o mais próximo de todos os seus amigos estrangeiros até sua morte (1928). Quando, em novembro, um cartaz sobre a execução dos anarquistas de Chicago (11 de novembro de 1887) foi produzido em Genebra, o Conselho Federal Suíço expulsou seis dos jovens refugiados mais militantes, entre eles Galleani, que foi levado para a fronteira italiana e preso na estação ferroviária mais próxima, Como.

Ele acabou sendo libertado e teve dificuldades para voltar imediatamente à Suíça, onde, nos dias 4 e 5 de janeiro de 1891, em Capolago, perto da fronteira, ocorreu o famoso congresso socialista secreto italiano, do qual participaram 86 delegados, todos antiparlamentares e, com exceção de dois, todos anarquistas, representando centenas de grupos. Isso se referia à ação para o dia 1º de maio de 1891 e à organização do *Partito socialista rivoluzionario anarchico Italiano*, iniciada por Malatesta desde seu retorno da Argentina, em 1889. Galleani, que precisava ser especialmente cuidadoso para não atrair a atenção da polícia para o congresso com seus movimentos, só pôde ir a Lugano, onde recebeu uma importante missão. “... Foi decidido que Cipriani, juntamente com ... (Galleani), deveria fazer uma grande viagem para propaganda e preparação revolucionária, do Piemonte à Sicília, com o objetivo específico de examinar o terreno, sondar os camaradas mais sérios e ativos, formar um núcleo sólido entre eles, que então seria útil na primeira oportunidade: mas esse trabalho, que teria dado os melhores frutos, ficou apenas

Jersey, Biblioteca de *L'Adunata dei Refrattari*, 1929, 1047 p. em Gr.-8º). O trabalho começou em 1907, foi continuado em 1917 pelo infeliz Salsedo, cuja queda mortal da janela de uma delegacia de polícia de Nova York marcou o início da perseguição contra Vanzetti, e foi concluído em 1929.

Chegamos aqui aos mártires Sacco e Vanzetti, que pertenciam ao círculo de discípulos espirituais de Galleani, e se a justiça americana não tivesse suprimido a *Cronaca sovversiva* (Crônica Subversiva) em 1919 e deportado Galleani e outros membros de seu grupo para a Itália, certamente alguns anos mais tarde teria ocorrido a essa justiça colocar colocar Galleani na cadeira elétrica ao lado de Sacco e Vanzetti. A lealdade inabalável à ideia e o entusiasmo pela propaganda uniam todos esses homens.

Um grande número de esboços biográficos da *Cronaca* estão reunidos em *Figure e Figuri. Medaglioni* (algo como: Personagens e personagens tristes) na mesma série, 1930, 235 p. em 8º. Imagens simpáticas de John P. Altgeld, governador de Illinois, que revelou o crime judicial de em 1887, Zola, Berkman, John Turner, Blanqui, Reclus, Icilio Ugo Parrini (no Egito), Most, Carducci, Edmondo de Amicis, Nadar, Björnson, Tolstói, Gori, Voltairine de Cleyre, Kropotkin, Bakunin, Antonio Cavallazzi (falecido em 1915), da *Cronaca*, Scarlatti (vítima do processo de Florença sobre o atentado à bomba), Proudhon, Robert Owen, Mazzini, Cipriani, Malatesta, um estudo benevolente, mas profundamente antiditorial, sobre Lenin (1920), etc. — tais imagens estão ao lado dos esboços desdenhosos de alguns “grandes homens”, renegados, etc. Quem tiver uma base segura de conhecimento próprio sobre esses assuntos encontrará neste belo volume muitos detalhes novos e algumas coisas baseadas na própria experiência de Galleani.

Contra as declarações criticamente ponderadas, mas de temperamento tímido, de F. S. Merlino por volta de 1905, Galleani reagiu com veemência na *Cronaca*, e esse estudo animado é o pequeno livro *La Fine dell'Anarchismo?* (O fim do anarquismo?). Edição preparada por antigos leitores da *Cronaca Sovversiva*, 1925, XI, 130 p. em Kl.-8º.

Finalmente, no final de 1914 até o início de 1915, ele escreveu uma terrível discussão com Kropotkin sobre a questão da guerra, que está disponível na Biblioteca da *Adunata* como *Contro la Guerra. Contro la Pace. Per la Rivoluzione Sociale* (Contra a Guerra. Contra a Paz. Pela Revolução Social); 74 p. em 8º; sem data, (janeiro de 1929).

Malatesta escreveu sobre a reedição de *O fim do anarquismo?* em *Pensiero e Volontà* (Roma), 1º de junho de 1926: “... É essencial uma

de quatro anos de prisão, gravemente doente, e morreu pouco depois (9 de novembro de 1908). A sentença contra R. Großmann, que partiu para a Inglaterra, foi anulada quatro anos depois por uma instância superior. (K. S. em “*Der Anarchist*”, Viena, 30 de outubro de 1927.)

Galleani voltou secretamente aos Estados Unidos na primavera após o julgamento e escreveu a Reclus em 30 de abril sobre o novo semanário, que ele editou de 6 de junho de 1903 até sua supressão, em 1919, com A. Cavallazzi como coeditor. Ele foi publicado em Lynn (Massachusetts) e, posteriormente, em Barre (Vermont), e foi nesta última cidade que Galleani foi preso em 30 de dezembro de 1905. Ele foi libertado sob fiança e, no julgamento, em 24 de abril de 1907, sete jurados votaram pela absolvição e cinco pela condenação, de modo que um novo julgamento teria que ser realizado, uma vez que não houve unanimidade. Isso não aconteceu e, assim, o processo do qual Mac Queen foi vítima foi encerrado.

Muitos *dos* artigos e esboços brilhantemente escritos por Galleani foram preservados em edições impressas. Em primeiro lugar, *Faccia a Faccia col Nemico* (Cara a cara com o inimigo). Crônica judicial do anarquismo militante. Primeiro (único) volume de Mentana [Galleani], uma edição do Gruppo Autonomo de East Boston, Massachusetts; 507 páginas em Gr.-8°, que parece ter sido publicado em abril de 1915 — uma descrição de muitos processos — Passanante (1878) e Sophie Perovskaja (1881), Gallo (1886) e o assassinato do engenheiro Watrin em Decazeville (1886), o grande julgamento de Lyon (1883), o de Cyvoct (1883), Clément Duval (1887), os anarquistas de Clichy (1891), Ravachol, Théodule Meunier, Etiévant, Vaillant, Emile Henry, Caserio (1894). As fontes são secundárias (o livro de Henri Varennes, etc.), mas a apresentação é eficaz. No prefácio, observa-se que ainda não se iniciou “a história do desenvolvimento do **pensamento anarquista**, uma história que, se não preceder a **ação anarquista**, que foi ao mesmo tempo o orvalho e o florescimento da ideia, deveria pelo menos acompanhá-la”. O grupo reunirá os demais processos “e, ao mesmo tempo, começará a trabalhar na publicação do **anarquismo** (como) **pensamento**, que é o complemento necessário desse **anarquismo** (em) **ação...**”.

Primeiramente, foi preparada uma obra de um terceiro tipo, as memórias de Clément Duval das ilhas de deportação e do continente de Caiena, o martírio dos anarquistas franceses desde 1886, o de Vittorio Pini, etc., um texto editado por Galleani, que, após longos esforços, foi publicado como Clément Duval, *Memorie Autobiografiche* (Newark, New

em fragmentos devido às habituais causas econômicas ...” (20 de abril de 1918). Os acontecimentos romanos de 1º de maio levaram ao grande processo que começou em 14 de outubro de 1891, mas Galleani não se envolveu nele.

Os anos de 1891, 1892 e 1893 foram para Galleani — com exceção de alguns meses de prisão na primavera de 1892 — anos de intensa atividade agitadora no norte da Itália. Ele acabou se tornando contador de uma fábrica em Sampierdarena, perto de Gênova, cujos jovens proprietários, dois irmãos, simpatizavam com suas ideias, de modo que ele tinha um apoio seguro contra perseguições. Ele participou da assembleia socialista internacional de 12 de abril de 1891 em Milão e conheceu Pietro Gori, o jovem advogado (nascido em 1867) e o mais elegante orador anarquista. Lá, ele e Gori discursaram ao lado de Filippo Turati, Anna Kulischoff, o republicano Fratti, o socialista francês Rouanet e outros; o anarquista espanhol Pedro Esteve também viajou para essa reunião, cuja multidão de ouvintes, para tristeza dos socialistas, aceitou a agenda anarquista.

Alguns meses depois, em agosto, Gori contribuiu muito para que a maioria socialista pelo menos deixasse em aberto a questão da participação eleitoral no congresso do partido. Mas essas circunstâncias levaram a uma decisão que o congresso de Gênova tomaria em agosto de 1892.

Já algum tempo antes disso, em uma reunião, Gori mostrou-se muito interessado na tática do congresso, enquanto Galleani, como ele mesmo escreveu mais tarde, “já na época relutava em participar inutilmente dos congressos partidários”. Ambos participaram do congresso, que levou à secessão da minoria dos socialistas políticos; mas a tentativa de Gori de reunir os anarquistas e as associações operárias que rejeitavam a tática eleitoral também não deu certo. Malatesta, de acordo com suas observações em “La Révolte”, de 17 de setembro de 1892, estava mais próximo da tática de Gori do que dos sentimentos de Galleani, no sentido de que não se deveria renunciar a um meio de propaganda (mesmo como minoria em uma organização). A partir de então, a agitação de Galleani no norte da Itália se intensificou, uma vez que não havia mais vínculos partidários, e ele enfrentou maiores obstáculos por parte das autoridades, até ser preso em janeiro de 1894 e ter sua liberdade de expressão na Itália efetivamente suprimida para sempre.

Como vimos, Galleani cresceu sem contato direto com a Internacional, com a emigração mais antiga (Malatesta, Merlini etc.) e, em Genebra e Paris, conheceu o comunismo anarquista mais pronunciado, no sentido de

Reclus e Kropotkin, que o cercava por todos os lados. Ele também estava acostumado, no ambiente industrial e não político do norte da Itália, principalmente à Itália como um Estado burguês unificado, enquanto os anarquistas do sul ainda viam o país em movimento, como de 1814 a 1870, e pensavam em novas revoluções que poderiam ser alcançadas através de uma aliança com socialistas revolucionários e republicanos ou uma revolução popular com a população rural faminta, etc. talvez pudessem ser alcançadas.

Essas duas linhas de pensamento colocaram Galleani na extrema esquerda do anarquismo comunista e nas fileiras dos oponentes de planos organizacionais e coalizões para fins políticos revolucionários. No entanto, ele conhecia muito bem os trabalhadores industriais e, apesar de todo o seu fogo, era piemontês, e assim não caiu na desorganização absoluta (atomização) e na informalidade ilimitada (amorfa), que também tinham seus adeptos. Assim, ele defendia a mais pura anarquia revolucionária de um tipo inteligente, não totalmente impulsivo. Ele era o propagandista por excelência e, onde havia uma possibilidade de ação, o agitador determinado, e teria sido o combatente que avançava, se a possibilidade de uma revolta conjunta se apresentasse a ele.

Eu o vi por menos de meia hora em toda a minha vida, mas ouvi falar dele com frequência, especialmente por Jacques Gross e outros amigos em comum. Em agosto de 1893, nós, um dos expulsos de Genebra em 1890, um jovem armênio e eu, atravessamos a Suíça Central em direção ao Ticino, chegamos a Lugano, onde conheci um velho internacionalista historicamente interessante para mim e, por isso, fiquei para trás; os outros dois seguiram para Milão, para Ettore Molinari, também do meio anarquista dos estudantes. Em Milão, fiquei para trás novamente e fiz estudos sobre Bakunin na Biblioteca de Brera; os outros foram para Sampierdarena, para Galleani. Quando cheguei lá dois dias depois, fui à fábrica e soube por Galleani que os outros dois haviam sido presos, pois foram vistos com ele. Isso poderia ter acontecido comigo também, se eu tivesse ficado, e me aconselharam a partir. Pouco depois, Galleani partiu, levando consigo os informantes que sempre o seguiam, e mais tarde um dos donos da fábrica me conduziu por caminhos tranquilos até a estação ferroviária, mostrando-me Galleani tomando banho no mar e os dois informantes que o vigiavam enquanto ele se banhava. Ele também nos viu e acenou discretamente com a cabeça, e assim vi sua figura alta e forte como uma estátua, e, o que eu não imaginava na época, pela última

vez. Os outros dois ficaram vinte dias na prisão e depois foram expulsos da Itália, um provavelmente porque já havia sido expulso da Suíça, o jovem armênio, totalmente alheio ao caso, sem motivo algum. Este último foi mais tarde massacrado em sua terra natal, novamente sem motivo algum... Este pequeno episódio foi relatado em *“La Révolte”*, em 4 de novembro de 1893.

Em janeiro de 1894, Galleani foi preso e acusado, juntamente com outras 34 pessoas, de crimes ideológicos, ou seja, por compartilharem ideias anarquistas, eles deveriam formar uma quadrilha criminosa e ser condenados de acordo com o artigo 248 do Código Penal Italiano, o que de fato aconteceu. Gori proferiu um discurso de defesa que se tornou muito conhecido na época. (*Os anarquistas e o artigo 248 do Código Penal Italiano*. Nova York, 47 p., em 12º; 1895.) Desde essa condenação em junho de 1894, Galleani permaneceu na prisão até 1897, num total de 42 meses, e foi então deportado para a ilha de Pantellaria. Somente nos primeiros meses de 1900 ele conseguiu fugir via Tunis para o Egito, onde sua situação também era muito precária; ele tinha tifo e precisava evitar o cônsul italiano. *“Finalmente!”*, escreveu-lhe Élisée Reclus, que, com Gross, havia ajudado em sua fuga, *“agora você tem a ‘astúcia da serpente’ de que nos fala a Bíblia...”*. Galleani queria publicar imediatamente uma revista no Egito, mas isso não lhe foi possível. O velho camarada Icilio Ugo Parrini, que simpatizava particularmente com sua orientação, deve ter lhe dado apoio. Somente no verão de 1901 ele saiu do Cairo para Londres e logo depois viajou para Paterson (Nova Jersey), onde editou *“La Questione Sociale”*, o grande semanário publicado desde 15 de julho de 1895.

Agora ele tinha novamente pela frente um período de agitação aberta, como orador e escritor, diante da numerosa população italiana das cidades industriais do leste. No entanto, uma greve local dos trabalhadores têxteis (abril-junho de 1902) se transformou em uma greve geral em 18 de junho, e os trabalhadores ocuparam pacificamente uma série de fábricas. Por fim, a greve foi vencida e a milícia que chegou mais tarde não encontrou nenhum adversário direto. Mas três dos oradores da greve, Galleani, Mac Queen e R[udolf]. Großmann, foram submetidos a um processo judicial severo (outubro de 1902); Galleani, que havia sido ferido, conseguiu fugir para o Canadá. Mac Queen, um camarada anteriormente muito ativo na província inglesa (Leeds), que voltou para a Inglaterra por um tempo após o julgamento, cumpriu a pena mais tarde, foi libertado após mais